

## GLOBALIZAÇÃO E AS NOVAS FORMAS DE RELIGIÃO PARA UM NOVO DESPERTAR DE SENTIDOS

### GLOBALIZATION AND THE NEW FORMS OF RELIGION FOR A NEW AWAKENING OF THE SENSES

André Magalhães Coelho<sup>1</sup>

**Resumo:** Em uma sociedade cada vez mais globalizada, com tendências plurais e expressivas, em que temos acesso a bens simbólicos expostos e diversificados, tendemos a uma ruptura ao conservadorismo e a hierarquização de grupos fundamentalistas que têm acesso aos serviços religiosos. Uma vez que são detentores do objeto religioso muitos ficam sendo apenas espectadores dos serviços prestados pelos agentes que monopolizam as expressões religiosas, manipulam os exercícios de controle sobre os dogmas de purificação, exorcismo e acesso ao divino. Apenas eles sentem ter a verdadeira doutrina e o conhecimento sobre o caminho que leva às bem-aventuranças e ao verdadeiro catecismo. A globalização tem forçado os grupos com tendências mais conservadoras a repensar suas posições hierárquicas. Com isso as novas religiões não conseguem controlar os dogmas como a igreja da cristandade nos 1500 anos de história. A reflexão que propomos é a observação de um novo modelo de sociedade mais plural e mais informada que aspira novas formas de sentido da vida. As novas tendências de expressões religiosas conseguem respostas para esses apelos que transcendem as tendências de mudanças que ocorrem em nossa sociedade.

**Palavras-chave:** Globalização, cultura, sociedade, expressões religiosas, simbolismo.

**Abstract:** In an increasingly globalized society, plural and expressive tendencies, where we have access to exposed and diverse symbolic goods, tend to a break conservatism and hierarchy of fundamentalist groups where they have access to sacred and religious services so that are holders of the religious object many are just being spectators of the services provided by agents who monopolize religious expressions, manipulate control exercises on the purification of dogmas, exorcism and access to the divine. Only you have the true doctrine know the path that leads to the Beatitudes and the true catechism. The globalization has forced groups with more conservative tendencies rethink their hierarchical positions, with this new religions can not control dogmas as the church of Christendom in the 1500 years of history. The reflection that I propose is to observe a new, more plural and more informed model of society that aspires towards new forms of life, new trends of religious expressions have been able to answer these calls that transcend trends of changes that have occurred in our society.

**Keywords:** Globalization, culture, society, religious expressions and symbolism.

---

<sup>1</sup> Graduado em Teologia pela Faculdade de Teologia Integrada (FATIN), Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) e Membro do Grupo de Pesquisa Teologia no Plural. E-mail: magalhaescoelho@gmail.com

## Introdução

No tempo da cristandade antiga prevaleciam os dogmas e aquilo que a igreja tinha como verdade absoluta sobre o sagrado. A cristandade tinha o caminho que levaria a salvação da “alma”. Os representantes dos dogmas, o clero, até o século 18 na Europa e 19 na América, mantiveram homogeneidade religiosa, tinham autoridade e colocavam-se a serviço do povo impondo suas orientações místicas. As pessoas tinham que aceitar o cristianismo, além da submissão às verdades divinas (COMBLIN, 2011, p. 34). Rebelar-se significava a exclusão do caminho que levaria justificação dos seus pecados. O cristianismo era a única religião verdadeira e a Igreja Católica Romana a única representante de Deus. A verdade seria a submissão às práticas daquilo que o clero tinha como o representante do divino. Nos últimos séculos observamos essa maneira antiga se diluir na história, assim como a substituição pela nova cultura globalizada.

É possível perceber isso nas novas tendências de expressões religiosas. Atualmente, o problema seria a identificação dessas novas religiões. Na verdade o que se tem hoje é outra nomenclatura para não se referir ao termo religioso. Com isso, a contemporaneidade aspira certa distância das estruturas medievais a fim de uma aproximação dos novos contextos. Os contemporâneos cultivam uma religião e não atribuem a ela uma terminologia para as suas expressões de sentido.

Pode-se afirmar que hoje na era globalizada o bem-estar físico e corporal são expressões dessa nova cultura que dispõem cada vez mais de recursos tecnológicos para uma satisfação corporal. Com isso os fenômenos místicos e mágicos ganham força em suas relações e dão destaque para o grande número de livros como os de autoajuda ou filmes como *Senhor dos Anéis*, *Harry Potter e Crepúsculo*. Tudo aponta para que essa tendência fique cada vez mais exposta e consumida pela nova geração do século 21.

Com o advento da globalização, além das novas tendências místicas e dos novos modelos de expressões religiosas que dão sentido à vida, os povos atuais não possuem uma religião. Isso não significa que são, necessariamente, ateus, pois os mesmos colocam sentido naquilo que acreditam ser verdade. Eles não querem atribuir um nome a Deus, porque o modelo da antiga cristandade não serve como protótipo. Eles preferem ficar longe de

estruturas fundamentalistas e hierárquicas. Assim se aproximam das novas formas de sentido que proporcionam condições para escaparem das tendências de controle das estruturas religiosas. Com isso, é possível dizer que a globalização não exclui a religião, mas, promove um novo sentido à vida e leva as pessoas a buscarem outros movimentos religiosos como: os neopentecostais, mitologias, sabedorias e grupos como a religião afro brasileira (COMBLIN, 2011, p. 33-34).

### **Globalização e seu impacto nas religiões**

Para a renomada teóloga feminista Kwok Pui-Lan o termo globalização ganhou força nos anos 1990 devido à derrota do socialismo soviético que se tornou arcaico com os acontecimentos da Guerra Fria. Com isso, a derrota trouxe novas aspirações que logo influenciariam o mundo com as aproximações do novo modelo norte-americano. Dessa maneira apareceria a abertura de fronteiras para o capitalismo e o moderno surgimento do neoliberalismo. Para alguns, a globalização é o avanço de novos modelos e a derrubada de fronteiras para o livre comércio. Nesse sentido não há fronteiras e os avanços tornam-se como relâmpagos.

Tais acontecimentos não estão somente no modelo econômico, mas, sim, cultural, político e social, não transmitindo apenas um efeito negativo como também produtivo com novas significações tanto no âmbito religioso quanto cultural. Para Pui-Lan a globalização relaciona-se à ideia de tempo e espaço, além de aproximar pessoas e crenças de vários lugares do mundo. Hoje é possível, pelos meios tecnológicos, conversar com alguém em outro hemisfério em um fuso horário totalmente diferente do nosso interagindo ao mesmo tempo. Assim a globalização impacta também os símbolos religiosos que se aproximam dos demais sem fronteiras nas múltiplas formas de religião.

Em seu livro, Pui-Lan cita Thomas Banchoff, professor especializado em questões religiosas e éticas. Ele comenta que “as grandes religiões do mundo têm crescido e mudado à medida que ultrapassam fronteiras, gerando redes remotas, com variadas expressões regionais e locais” (PUI-LAN, 2015, p. 9-10). Para Banchoff, o advento da globalização trouxe aproximações do budismo em território Indiano e do Cristianismo e Islamismo em toda parte do mundo. Com isso nos deparamos com a globalização não em termos de produtos e mercado, mas também quando falamos em termos religiosos.

Em um mundo cada vez mais tecnológico e globalizado, é possível encontrar novas formas de expressões religiosas. Diante do processo de globalização, a religião transforma-se em um sistema de crenças. Não há um desaparecimento da religião e, sim, buscadores de novos sentidos para a vida. A nova cultura promove transformações no campo religioso, além de proporcionar um desafio para teólogos/teólogas e cientistas da religião para a produção e análise de novas abordagens metodológicas para um mundo cada vez mais plural e híbrido no seu sentido cultural e religioso. Faustino Teixeira explica:

Diante da “contaminação cognitiva” favorecida pela a globalização e a insegurança que acompanha a incidência do pluralismo sobre as estruturas de plausibilidade dos sujeitos concretos, dois desdobramentos podem ocorrer. De um lado, a demarcação de identidades particulares, ou seja, o refúgio em universos simbólicos que favoreçam a impressão de uma unidade coerente e compacta da realidade social. De outro, a abertura à “mestiçagem cultural”, as negociação ou intercâmbio cognitivo com o horizonte da alteridade (TEIXEIRA, 2012, p. 69-70).

Em um contexto cada vez mais plural e híbrido de símbolos religiosos não há como escapar de redefinição de identidade. Torna-se mais difíceis e complexos se pendurar ao passado. Não se trata de excluir ou deixar sua identidade, mas, de recriar novos sentidos e adequações à nova cultura. O pluralismo encontra-se nas diversidades, além de conviver com as diferenças, sem compromisso ou alteridade. Entretanto, há uma diferença entre diversidade e pluralismo.

Na diversidade não há um compromisso, mas, uma proximidade com os diferentes. No pluralismo deve haver uma alteridade, uma aproximação com o desconhecido, não aceitando apenas uma verdade, porém enxergando a verdade no outro também. Para Kwok Pui-Lan “o pluralismo, ao contrário é a busca ativa de compreensão por meio das linhas da diferença”, ou seja, nas diferenças é preciso ouvir, falar, sem se colocar por cima, mas, sim, na alteridade e no respeito mútuo aceitando o outro nas suas diferenças (PUI-LAN, 2015, p. 18).

Vemos aqui que não há identidade pura. Todas as pessoas podem ser afetadas pela nova cultura. Não há cultura meramente imaculada porque diversas identidades são entrelaçadas. Assim como o corpo não pode se isolar de outros corpos, nossa identidade híbrida pode se relacionar fora de nosso grupo. Pui-Lan destaca:

(...) a compreensão de identidade híbrida aponta para a formação da identidade como um processo dinâmico e fluido, de tal modo que as pessoas podem mudar ao longo do tempo como resultado da interação com outros. No diálogo interfé, às vezes há o receio de que perderemos nosso compromisso religioso se formos abertos a outras tradições. Esse temor, no entanto, baseia-se em uma compreensão estática do eu. Se compreendermos o eu como uma rede de relações a interagir constantemente com outras, seremos mais abertos à transformação e à mudança (PUI-LAN, 2015, p. 64).

As novas expressões religiosas são, por vezes, uma forma de sentido, devido à interação com outros grupos, além da multiplicidade de relações que existem nesta era globalizada, tanto os símbolos religiosos quanto na diversidade cultural entrelaçada. Dessa maneira, a nova cultura desafia os grupos de tendências mais conservadoras a fim de repensarem suas posições hierárquicas. Com isso as novas religiões não conseguem controlar os dogmas como grupos de conservadores e fundamentalistas. Aparecem novos grupos mais abertos e plurais em uma sociedade cada vez mais diversificada.

Ir contra as novas expressões mais pluralistas e abertas é um risco de viver a fé e não as fés. A nossa religião torna-se a única e verdadeira e a do outro não. Nesse caso, a nossa maneira de viver torna-se absoluta, desconsiderando as demais. Pui-Lan comenta que quando esse conservadorismo vem embutido com outros preconceitos raciais gera ódio, discriminações e todo tipo de agressão (PUI-LAN, 2015, p. 64). Em uma sociedade em que os símbolos religiosos se encontram, não há espaço para centralidade e, sim, fluidez, disposição, convergência e novas formas de sentido.

### **Novos contextos de sistemas de sentido**

A religião, em sua configuração, não é algo neutro, mas a sua adaptação ocorre de acordo com as transformações da sociedade. A nova cultura tem ritmo acelerado, o que proporciona a regeneração e a fragmentação dos campos simbólicos. Cada vez mais, as formas diluídas de crenças apropriam-se na vida dos indivíduos, além de gerar significado. Há uma imensa pluralidade de propostas que vem fragmentada com uma multiplicidade de símbolos sagrados.

Assim, também aparecem propostas de consumo e “fast food” de novas experiências no campo simbólico, que propiciam um trânsito religioso de dupla pertença e subjetividades:

permitem passeios rápidos e deslocamentos em outros chãos simbólicos. Segundo Carlos Alberto Steil “o campo religioso passou a incluir, a partir do final do último milênio, além das religiões estruturadas, um grande número de sistemas que o autor denomina religiões ou metáforas, orientação espiritual, ecológica, terapeuta ou psicológicas” (STEIL, 2008, p. 10).

Além das religiões, outras maneiras de sentidos contribuem para a produção do significado sobre a existência. É possível incluir nesta lista as indústrias de entretenimento, jogos esportivos e academias, uma espécie de adoração ao corpo. Comblin ressalta:

O absoluto é sentir-se bem, sentir-se em harmonia com o próprio corpo, com a mente, com os outros, com o mundo em geral. Ter o sentimento de participar emocionalmente da vida do universo, sentir-se à vontade, sentir-se feliz. Nesse sentido, a felicidade é o valor absoluto, uma felicidade profundamente corporal (COMBLIN, 2011, p. 37).

Para Steil “a ênfase no corpo e na cura seria uma característica das novas formas de crer na sociedade global que contrastaria com a visão dogmática e doutrinária das grandes instituições religiosas” (STEIL, 2008, p. 14). Entendemos que toda forma de globalização tanto econômica quanto simbólica se misturam, se entrelaçam. Os símbolos religiosos também se entrelaçam. Podemos estar próximos de alguém com outra proposta de vida fora do contexto do cristianismo, como as religiões afro-brasileiras, e de nos relacionarmos sem agregação simbólica.

Evidentemente que essa experiência está mais sólida nos setores acadêmicos, mas, com as novas mudanças contemporâneas tudo indica que as expressões religiosas serão notórias. Alberto da Silva Moreira explica: “o futuro será de uma sociedade com pluralidade de ofertas religiosas, provavelmente sem uma instituição que detenha o poder simbólico para estabelecer sozinha uma hierarquia sobre as demais ou para servir de ancoragem hegemônica no campo religioso” (MOREIRA, 2008, p. 29).

O multiculturalismo também ajuda na compreensão sobre a sociedade globalizada, em que há uma mistura cultural com a ausência de uma cultura pura. É possível perceber que todas as formas de expressões religiosas se contaminam. Na nova cultura uma se encontra com a outra. Segundo Sergio F. Ferretti “todas as tradições culturais estão em contato, que em nosso mundo nenhuma cultura é uma ilha e que fica cada vez mais difícil manter a insularidade de culturas” (FERRETTI, 2008, p. 39).

Então, é possível entender que o multiculturalismo é um auxílio para seguir contra todo o tipo de fundamentalismo nas questões sociais e culturais, principalmente nas questões simbólicas religiosas, não considerando uma tradição como o centro do universo. Mas na aproximação das diversas culturas, relacionando-se entre ambas, com convergências nas mesmas esferas e também doadoras de sentido.

### **Fundamentalismo, a rejeição de novos conceitos**

No novo contexto atual onde não há limites e barreiras para uma transformação cultural e religiosa em nossa sociedade observamos os avanços tecnológicos e a abertura de novos conhecimentos, tanto da atmosfera cultural quanto simbólica. O cenário é cada vez mais pluralizado de sentidos na vivência humana. Para determinados movimentos mais fundamentalistas a nova cultura torna-se inimiga da antiga cristandade hierarquizada, com inflexibilidade às novas mudanças. Para Faustino Teixeira

Não há como assegurar na situação moderna de pluralização a firmeza de muros protetores e sólidos: haverá sempre a possibilidade de brechas dispersivas. Os projetos restauradores atualmente em curso nos diversos domínios religiosos direcionam-se nitidamente para uma orientação de seus fiéis, e muitas vezes incluem a supressão ou pelo menos a limitação do pluralismo (TEIXEIRA, 2012, p. 72).

A tendência é uma sociedade cada vez mais flexível. Os grupos mais conservadores que não se adaptam ou não procuram uma aproximação em relação a essas mudanças, tendem a ser mais violentos em seus discursos, além da opressão e exclusão. Os meios de comunicação divulgam informações sobre as intolerâncias e violências simbólicas no contexto religioso, chegando muitas vezes em agressões físicas.

Um dos casos mais recentes que foi notícia é de Kayllane Campos, de 11 anos, na saída de uma cerimônia de candomblé no subúrbio carioca, no domingo dia 14/06/15. Ela estava com sua avó e outros participantes. Dois jovens agrediram o grupo atirando pedras e, acenando a bíblia gritavam: “é o diabo, vai para o inferno, Jesus está voltando”. Uma das pedras atingiu Kayllane na cabeça e provocou um grande corte que sangrou muito. De fato, a intolerância religiosa é um dos grandes males desse nosso século que deve ser vencida.

Clemildo Anacleto Silva afirma: “A intolerância religiosa é apontada como o novo racismo” (SILVA, 2015, p. 73).

Nesse sentido, as religiões não se tratam apenas de motivações ideológicas, mas, de crenças e resistências ao outro, ao fechamento de novos relacionamentos, de tolerância e respeito mútuo. Na contemporaneidade, torna-se mais difícil todo tipo de agressão e isolamento aos relacionamentos. Na atualidade, a vivência em tempos globais exige cada vez mais novas aberturas e diálogo ao desconhecido. O fundamentalismo é um movimento oriundo do protestantismo e surgiu como reação ao modernismo da teologia liberal nos séculos 19 e 20 foi uma tentativa de afirmar a inerrância da bíblia, além de desqualificar os princípios inovadores (TEIXEIRA, 2012, p. 74).

No contexto de novas descobertas, esses grupos herméticos tendem a rejeitar a modernidade. Não se trata apenas de um isolamento da nova cultura, mas, a insegurança que o tempo moderno traz com múltiplas opções de ideias e formas plurais de refletir, o que causa insegurança e desestrutura as formas arcaicas da religião. É possível compreender o fundamentalismo como todo esforço de negação do outro com a ausência de um espaço para a alteridade. Assim, o termo se encontra não apenas dentro do cristianismo, mas fora dele. É possível observar a resistência ao diálogo em grupos religiosos como o hinduísmo e budismo (TEIXEIRA, 2012, p. 74-76).

Em tempos onde tudo é fluido e em curso o pluralismo cultural ou religioso, multiplicam-se as pertencas e diminuem as diferenças, propiciando mais oferta de busca e descoberta de sentidos. Em uma sociedade cada vez mais plural em que as culturas se entrelaçam não havendo uma identidade pura, mas, híbrida e multicultural o fundamentalismo pode se tornar mais rígido e contra a nova cultura, além de reconstruir identidades puras para manter-se na defesa do hibridismo e na afirmação da sua tradição. Claudio de Oliveira Ribeiro explica:

Dentro da visão crítica do pensamento pós-colonial, destacamos o trabalho fronteiriço da cultura, que requer um encontro com “o novo” que não seja mera reprodução ou continuidade de passado e presente. Ele renova e reinterpreta o passado, refigurando-o como um “entrelugar” contingente, que inova, interrompe e interpreta a atuação do presente, valorizando as diferenças culturais e religiosas (RIBEIRO, 2014, p. 40).

Para o fundamentalismo, a rejeição de novos conceitos e a não abertura ao desconhecido é uma tentativa de se guardar as antigas e ultrapassadas formas de



conservadorismo, sem levar em conta as novas culturas e formas de sentidos religiosos. Com isso, os grupos mais conservadores podem criar formas violentas contra a nova cultura, impondo-se de maneira radical aos novos contextos da sociedade contemporânea.

### **A experiência do indivíduo no contexto religioso**

A crise das instituições religiosas é visível. Hoje, o modelo tradicional não dá conta da contemporaneidade, centralidade do indivíduo e a busca de satisfação imediata são evidentes na nova cultura. As cidades, com os seus desafios aparentes de correrias e imediatismos, são o espelho da vida pós-moderna. As utopias da vida pós-morte e um futuro distante ficam sufocadas com as novas tendências da atualidade. Além disso, cede lugar as experiências e as buscas de sentido ligadas a uma vida mais imediatista, com soluções rápidas para a satisfação de necessidades e o bem-estar corporal.

Nesse sentido, as formas de religiosidade que se encontravam na nova sociedade são as mais aptas a satisfazer as aptidões do indivíduo. Um exemplo são as igrejas neopentecostais que têm o seu discurso centralizado na cidade global e também influencia e ganha um grande número de pessoas adeptas, com a busca de prosperidade, cura física e soluções de problemas concretos.

Porém, esse tipo de espiritualidade imediata e prática na tentativa de solucionar as respostas da vida humana não resolvem completamente os problemas existenciais que a nova cultura impõe. O sagrado desloca-se para outros fins além dos muros da igreja, o chamado trânsito religioso ou uma grande “variedades do sagrado”. O indivíduo desloca-se a fim de satisfazer a sua realização de sentido. Em uma sociedade cada vez mais plural, o sujeito pode trocar e preencher-se onde a sua experiência o levar (SCHIAVO, 2008, p. 176-177). A definição da verdade e da autenticidade passa a obedecer a critérios experienciais.

As palavras “religião” e “sagrado” que algum tempo tinham influência e reverência em instituições religiosas hoje têm o seu significado fragmentado na cultura contemporânea. Atualmente, o sagrado é aquilo que promove sentido à vida do indivíduo e encontra-se espalhado e desfragmentado em inúmeras situações relevantes para o indivíduo. Isso se refere em um campo mais aberto e amplo considerado religioso. Luigi Schiavo destaca: “muitas coisas que antigamente eram sagradas, hoje não o são mais, e vice-versa: por exemplo, o bem-estar, a saúde, o lazer, a aparência física” (SCHIAVO, 2008, p. 177). O símbolo religioso deixa a sua forma tradicional e desloca-se para outros buscadores de sentido.

Dessa maneira, o conceito e os códigos de símbolos religiosos são direcionados à nova sociedade global, além de propiciar novas significações daquilo que jamais se chamaria de sagrado. Também promovem sentido a novos buscadores no contexto atual, em que o indivíduo molda e proporciona projeção para a sua própria religião em uma época de ofertas simbólicas. Schiavo comenta:

O resultado será uma nova e interessante criatividade simbólica-cultural. Esta mudança envolve também o conceito de religião, não mais relacionado somente com religiões institucionais clássicas, com seu pacote de verdades, mitos, ritos, normas morais e seu imobilismo institucional. Religião hoje indica a busca geral pelo transcendente e pelo ato de transcender que coincide com a busca por respostas significantes e pelo bem-estar físico, psíquico e espiritual da pessoa humana (SCHIAVO, 2008, p. 177).

De fato, a sociedade global contribui para a mudança da religião. Isso significa que as antigas normas religiosas não desaparecem, mas, adquirem novas roupagens em uma sociedade de ofertas simbólicas. Hoje, as antigas normas não são mais atrativas como objeto sagrado. Outras espiritualidades ganham formas como sistemas de sentido para a vida do indivíduo que procura novas experiências com o transcendente. Em uma sociedade cada vez mais plural e multicultural, o vácuo religioso impulsiona a busca das pessoas. É possível atribuir essas mudanças ao novo contexto emergente que possibilita múltiplas escolhas, além de romper com as normas arcaicas e intolerantes da religião, com abertura a formas mais tolerantes e flexíveis para o pertencimento religioso.

Assim, a globalização de bens simbólicos consegue a realização efetiva dos seus objetivos. Por outro lado, Carlos Alberto Steil destaca: “enquanto no campo do social constatamos desigualdades e deficiências profundas na consolidação do projeto moderno, que foi incapaz de estender às populações dos continentes periféricos as promessas de bem-estar social” (STEIL, 2008, p. 8). É possível perceber que a sociedade global tem diluído as muitas maneiras de sentidos para um novo despertar de possibilidades de busca ao sagrado em tempos de mudanças e expressões religiosas.

Em época de transformações, tanto tecnológica, cultural e nas questões sobre as religiões, em que o impacto global influencia de maneira incisiva os símbolos religiosos, estes são também impulsionados a viver uma “interpenetração recíproca”. Trata-se de uma abertura para as diversas tradições, no sentido de dialogarem para além do exclusivismo, inclusivismo e paralelismo. Assim, a aproximação dialogal deve resguardar a identidade de cada religião, mantendo cada uma superior a outra sem discriminações. Faustino Teixeira comenta que o

“objetivo proposto não é chegar à completa unanimidade, ou misturar todas as religiões, mas, sobretudo, comunicação, simpatia, amor, complementaridade polar” (TEIXEIRA, 2012, p.82).

Diante desse contexto global e plural é difícil manter uma abertura dialogal devido às transformações e, sobretudo, quando os conhecimentos autoevidentes perdem sua plausibilidade. O relacionamento interfere requer gratuidade de viver uma experiência de partilha e entrega mútua nos diferentes contextos simbólicos. Um dos desafios da contemporaneidade é que as culturas e as religiões não se encontram fechadas, porém, em concorrência e disputa no mercado religioso. Atualmente, é possível afirmar que a crise é de pluralismo. Ela atinge todas as instituições religiosas, as culturas e as pessoas que se encontram nesse amplo contexto de pós-modernidade onde tudo é fluido e misto. A identidade não está no indivíduo, mas, no processo de entrelaçamento com o outro.

As religiões, como expressão de linguagem, são inerentes das diversas culturas e podem servir como conhecimento de troca de experiências e diálogo. Como sistemas de sentido não questionam a verdade ou a qualidade de uma expressão religiosa, mas, são idênticas, além de oferecer ao indivíduo a experiência que ele busca. A religião seria uma importante inspiração cultural, provavelmente a maior fonte de formação de identidade no território da interação global.

Alberto da Silva Moreira ressalta: “ela ajudou a modelar um sistema de lealdades e identidades, e esse sistema agora está mais complexo e competitivo” (MOREIRA, 2008, p. 26). Ou seja, a religião está em pleno movimento e para ela sobreviver, grupos mais conservadores e ligados à teologia da prosperidade reinventam e criam um imaginário religioso que interessam a eles. Tudo isso seria um apelo a não abertura da nova cultura que derruba antigas hierarquias e promove um sentido para a interação com outros símbolos religiosos.

## **O Deus de cada um**

Na obra *O Deus de cada um* Ulrich Beck explica sobre as mudanças de uma sociedade global. Para o autor, as narrativas do livro romperam com dogmas e deslocaram outras singularidades de busca de sentido. Um fator essencial para isso foi à individualização, “pois as diferentes formas de viver a fé em seu Deus pessoal simbolizam a vitória do ensinamento

da igreja que proclama ser indispensável à liberdade de exercer a religião e de seguir a própria consciência” (BECK, 2016, p. 21). É o indivíduo que busca sua própria maneira de encontrar sentido. Cada pessoa constrói para si mesmo a sua narrativa de fé e não somente a sua comunidade religiosa. A individualização comentada por Beck exclui toda fé imposta que tem a pretensão de conduzir a ritos, liturgias, mas ela pode “tanto levar a pessoa a apoiar engajadamente à antiga missa em latim, que se considera ela mesma como a vanguarda da igreja, como criticá-la” (BECK, 2016, p. 22).

De acordo com Beck, não há barreiras que prendam um indivíduo a uma religião. Ele fica livre para escolher e frequentar a sua própria narrativa de crença. Mesmo que as suas raízes estejam em um sistema religioso, isso não é impedimento para frequentar ou criticar, pois a individualização e a participação em uma comunidade ou em uma igreja não se separam de modo algum, antes, podem ser complementares. Desse modo, o Deus de cada um deveria ser a expressão da vida de cada pessoa, ou seja, no espaço de cada um “a luta pela vida de cada um e pelo espaço de cada um é mais do que uma questão da organização do espaço cotidiano. Trata-se de controle e de subversão da liberdade” (BECK, 2016, p. 20).

Essa liberdade não significa um isolamento ou fechamento com o outro, mas, sim, um diálogo com o diferente aceitando-o como ele é. Portanto, trata-se de uma alteridade. A verdade para buscar-se é a do afeto, do amor ao diferente. Nesse caso, a fé não está ligada ao que ele é, aceitando suas verdades sem renunciar a verdade da própria religião e, com isso, a sua própria identidade.

### **Considerações finais**

Este texto mostrou o que acontece na sociedade contemporânea e as inúmeras formas de impacto que a nova dinâmica de globalização gera e, ao mesmo tempo, questiona as antigas formas de cristandade. O desafio que está adiante é de uma sociedade global com diversas possibilidades de interação e troca de experiências. Por um lado uma imensa aspiração religiosa mais conservadora e fundamentalista e, do outro lado, surgem inúmeras formas de experiências, além de novos buscadores de sentido para a vida. Assim, utilizamos textos de renomados teólogos e pesquisadores, que estudam e trabalham essas novas formas de expressões religiosas em um mundo cada vez mais em constante transformação e que

mostra que as formas de sentido e expressões simbólicas estão cada vez mais juntas e entrelaçadas, dando uma abertura maior a outras experiências com o sagrado.

Vimos que a religião não é estagnada, mas vem historicamente acompanhando as mudanças concretas em nossa sociedade, em diferentes contextos: culturais, econômicos e políticos. Com as transformações ocorridas em contextos mais plurais e diversos, a religião influencia uma transformação no conhecimento do indivíduo que busca sua realização em peregrinações com o sagrado.

Já se foi o tempo que a igreja com suas normas e tradições – manipulava o divino. Atualmente constatam-se novas maneiras e aspirações que promovem diversos significados e resignificam os símbolos para um despertar de alteridade e compreensão com os mistérios das diversas tradições como os acontecimentos vêm transformando a forma de viver as múltiplas experiências religiosas, tornando o ser humano livre para expressar sua fé mudando interpretações hegemônicas e fundamentalistas. Em meio a tantas expressões religiosas o diálogo religioso vem quebrando os preconceitos e aproximando de outras tradições religiosas facilitando a comunicação e tolerância religiosa.

### Referências bibliográficas

BECK, Ulrich. *O Deus de cada um*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2016.

COMBLIN, José. *Os desafios da cidade no século XXI*. São Paulo: Paulus, 2011.

FERRETTI, Sérgio F. *Multiculturalismo e sincretismo*. In: MOREIRA, Alberto da Silva; OLIVEIRA, Irene Dias de (Orgs.). *O futuro da religião na sociedade global. Uma perspectiva multicultural*. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 39.

MOREIRA, Alberto da Silva. *O futuro da religião no mundo globalizado: painel de um debate*. In: MOREIRA, Alberto da Silva; OLIVEIRA, Irene Dias de (Orgs.). *O futuro da religião na sociedade global. Uma perspectiva multicultural*. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 26-29.

PUI-LAN, Kwok. *Globalização, gênero e construção da paz*. São Paulo: Paulus, 2015.

RIBEIRO, Claudio de Oliveira. *Pluralismo e libertação*. São Paulo: Paulinas, 2014.

SANTOS, Altierrez; LUCKNER, Rita (Orgs.). *Encontro dos Deuses. Diálogos sobre Violência Religiosa e Cultura de Paz*. Curitiba. Prismas, 2017.

SCHIAVO, Luigi. *Síntese e perspectivas*. In: MOREIRA, Alberto da Silva; OLIVEIRA, Irene Dias de (Orgs.). *O futuro da religião na sociedade global. Uma perspectiva multicultural*. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 176-177.

SILVA, Clemildo Anacleto. *Desafios e propostas para promoção do reconhecimento da diversidade religiosa no Brasil*. Revista Estudos de Religião. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2015.

STEIL, Carlos Alberto. *Oferta simbólica e mercado religioso na sociedade global*. In: MOREIRA, Alberto da Silva; OLIVEIRA, Irene Dias de (Orgs.). *O futuro da religião na sociedade global. Uma perspectiva multicultural*. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 8-14.

TEIXEIRA, Faustino. *Buscadores do diálogo. Itinerários inter-religiosos*. São Paulo: Paulinas, 2012.